

**TERRA DAS CRIANÇAS:
UMA MONTAGEM TEATRAL
INTERDISCIPLINAR**

Resumo

>

Esse artigo apresenta o projeto Borboleteando pela Arte, que foi realizado na Escola Classe 413 Sul (Brasília/DF) com o objetivo de apresentar as diversas linguagens da Arte aos/às estudantes dos três primeiros anos do ensino fundamental, a partir do conceito da interdisciplinaridade. Ao final do projeto, um espetáculo cênico-musical foi produzido com todas as turmas participantes do projeto.

Palavras-chave:

Arte-Educação. Infância. Interdisciplinaridade.

TERRA DAS CRIANÇAS: UMA MONTAGEM TEATRAL INTERDISCIPLINAR

Thais Antonoff de Melo¹

José Fernando Marques de Freitas Filho²

¹ Mestre em Artes (2022) pela Universidade de Brasília. Graduação em Pedagogia (2014) e em Artes Cênicas (2016-2018) pela Universidade de Brasília, Pós-Graduação em Metodologia do Ensino de Arte (2019) pelo Centro Universitário Internacional Uninter. Professora da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal desde 2017, efetivada em 2018, com atuação no Ensino Fundamental Anos Iniciais como professora e coordenadora. Como pesquisadora desenvolve pesquisas com ênfase no ensino de arte para crianças e interdisciplinaridade. ORCID: 0000-0003-1839-8902. Email: thaisantonoff@hotmail.com

² Possui Doutorado em Literatura Brasileira pela Universidade de Brasília (2006), graduação em Música/Licenciatura pela Universidade de Brasília (1987), graduação em Comunicação Social/Jornalismo pelo Centro Universitário de Brasília (1991) e mestrado em Literatura Brasileira pela Universidade de Brasília (1997). Atualmente é professor adjunto II do Departamento de Artes Cênicas/Instituto de Artes da Universidade de Brasília. Tem experiência docente nas áreas de Letras, Comunicação e Artes Cênicas, atuando principalmente em dramaturgia e história do teatro. Possui pós-doutorado em Literatura e História junto à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (PT). ORCID: 0000-0002-4984-7486. Email: fmarquesfreitas@terra.com.br

Esse artigo apresenta o projeto Borboleteando pela Arte, que foi realizado na Escola Classe 413 Sul (Brasília/DF) com o objetivo de apresentar as diversas linguagens da Arte aos/às estudantes dos três primeiros anos do ensino fundamental, a partir do conceito da interdisciplinaridade. Ao final do projeto, um espetáculo cênico-musical foi produzido com todas as turmas participantes do projeto.

Introdução

Desde 2016, a Escola Classe 413 Sul, localizada na Asa Sul (Brasília/DF), desenvolve o projeto “Borboleteando pelo Mundo” com o objetivo de ampliar o repertório cultural dos/das estudantes e potencializar a colaboração, autonomia, criatividade e participação ativa na construção significativa do conhecimento. A partir desse tema geral, são criados subtemas anuais e por turmas. No ano de 2021, foi criado o subprojeto “Borboleteando pela Arte”, buscando proporcionar uma experiência interdisciplinar a partir da Arte aos/às estudantes dos três primeiros anos do ensino fundamental.

A interdisciplinaridade, segundo Fazenda (2012), é um conceito que não possui sentido único e estável devido à subjetividade de cada contexto/projeto, mas possui alguns fundamentos básicos: retorno a produções com um novo olhar; releituras críticas e com outras perspectivas dos fatos já ocorridos; parceria entre os/as participantes, devido à necessidade de troca e de complementação com o outro, considerando o perfil da turma, o respeito ao modo de ser de cada um e, por fim, a proposição de um projeto.

A proposta, nesse caso, foi utilizar o projeto da escola e “borboletear” por todas as linguagens da Arte ao longo do ano, sem que houvesse uma rigidez curricular ou metodológica: o processo foi ditando os caminhos, assim como propõe Nogueira (2001), a respeito da pedagogia de projetos. Nessa perspectiva, a divisão curricular foi realizada com a participação de todas as professoras inseridas no projeto, a partir da análise do currículo em movimento da Secretaria de Educação do Distrito Federal. Em relação ao formato, devido à pandemia da covid-19, iniciamos de forma remota, passamos pelo ensino híbrido e finalizamos presencialmente.

E assim foi feito. As artes visuais ilustraram diversas atividades textuais, por meio de gravuras, pinturas, fotografias, colagens, esculturas. A música trouxe ludicidade aos encontros síncronos das turmas, com brincadeiras musicais, percussão corporal e instrumentos de materiais recicláveis. A dança engajou a comunidade escolar na Festa/Live Junina: pais, mães, professores e estudantes dançaram forró, qua-

drilha e realizaram desafios de dança. O teatro, já no ensino presencial, trouxe expressão aos corpos dos/das estudantes, que estavam há mais de um ano em ensino remoto, com os jogos teatrais de atenção, dramatização e consciência espacial/corporal.

Ao final do projeto foi produzido coletivamente um espetáculo cênico-musical chamado “Terra das Crianças”, na qual as cinco turmas participantes estiveram presentes. Foi realizado um trabalho de leitura dramática, estudo de personagem, criação coletiva de coreografia, gravação das falas, ensaios musicais e produção de máscaras, tudo para que os/as estudantes tivessem uma verdadeira experiência de encenar uma peça de teatro. O contexto teórico disso foi o projeto de sustentabilidade que acontecia paralelamente, no qual os/as estudantes plantaram, cuidaram e apresentaram suas plantas a toda a comunidade escolar.

A ideia da reciprocidade entre duas ou mais disciplinas para criar um saber menos fragmentado e mais dinâmico (FAZENDA, 2012) foi vivenciada na prática: Arte e Ciências estavam interligadas em uma mesma produção. Com a finalização do projeto, perceberam-se os efeitos positivos que a interdisciplinaridade trouxe, por meio das diversas linguagens da Arte, desde o ensino remoto até o ensino presencial. Cada disciplina teve seu protagonismo e, ao final, celebraram juntas.

Arte e infância

A infância é um momento em que o indivíduo tem prontidão para viver experiências, curiosidade para descobrir novidades e desvendar mistérios (BARBIERI, 2012). Nesse sentido, a Arte, como área do conhecimento, pode oferecer meios para vivências estéticas significativas, a partir do estímulo à imaginação e à exploração de cheiros, gostos, sons, temperaturas, texturas, lugares, imagens, movimentos, personagens. Duarte Jr. (1994) explica que a Arte-Educação não se preocupa em produzir boas obras de arte, mas em desenvolver uma consciência estética, na qual os sentimentos e emoções possam ser vividos, pensados e simbolizados.

Existe, porém, uma ideia reducionista,

confirmada por Barbosa (2012), de que o ensino da Arte não tem um fim em si mesmo e está a serviço da pedagogia, no sentido de ser uma mera forma de recreação, ornamentação de celebrações ou um apoio às outras disciplinas, facilitando a memorização de conteúdos. No entanto, o ensino da disciplina possui processos específicos de conceber, experienciar, criar, perceber, fruir, ler e interpretar obras de arte. Existe uma dicotomia que, “de um lado, tenta amordaçar a mágica e, de outro, tenta escravizar o conhecimento e o Ensino da Arte” (TOURINHO, 2012, p. 34).

Para desenvolver o trabalho de Arte com crianças, Machado (2010) destaca a importância de se conhecer e aplicar os quatro eixos estruturadores da cultura da infância: interatividade (atividades com os pares), ludicidade (brincadeiras), fantasia do real (faz de conta) e reiteração (começar de novo). A pesquisadora explica que as crianças ganham vitalidade e criam mais possibilidades expressivas quando estão em ambientes vivos e sensíveis, tais como uma instalação artística, pois elas possuem uma capacidade diferenciada de vivenciar as experiências com vigor, intensidade e teatralidade, próximo ao que fazem os artistas performáticos.

A corporalidade da criança é viva, está mergulhada no mundo, na dinâmica de ser e de se relacionar com o outro. Nessa perspectiva, Machado (2012) propõe uma espécie de anti-metodologias, um trabalho na forma de espiral, indo e voltando nas diferentes possibilidades artísticas: trabalhar com a integração das linguagens, misturas e *descontornos* que permitem a performance, os *happenings*, as instalações, as experiências artísticas e existenciais. A ideia é quebrar a linearidade das quatro linguagens da Arte, pois, se trabalhadas de modo integrado, podem tornar-se uma só.

Para a autora, trabalhar com a teatralidade é sinônimo de brincar com o outro, fazer de conta e pensar com o corpo; já a musicalidade busca sair do primor técnico e investigar sons que estão em nosso redor, nas conversas, na natureza e no silêncio; a corporalidade explora e faz expressar o próprio corpo no espaço, para além de coreografias e alongamentos; e a espacialidade concretiza o uso do corpo com a plas-

ticidade do mundo transformada em pinturas, construções, painéis.

A partir disso, a ideia é pensar criativamente o caminho e avaliar as aprendizagens. “A toada do rio pode ser também híbrida, ou seja, uma mistura de teatralidades, corporalidades, espacialidades e musicalidades em uma coisa só: artisticidade” (MACHADO, 2012, p. 20). Essa seria a base da Abordagem em Espiral, que é um modo de exercer o ensino de Arte a partir da interdisciplinaridade.

Quando se fala em interdisciplinaridade no campo da Arte, muitas vezes percebe-se uma confusão em sua prática, dada a abordagem polivalente, que foi criada durante o regime militar e, apesar de existir um movimento contrário à atuação dessa forma, o modelo ainda é presente na educação básica (ALVARENGA; SILVA, 2008). Essa metodologia traz uma perspectiva superficial do ensino da disciplina e é, “na verdade, uma versão reduzida e incorreta do princípio da interdisciplinaridade, ou artes relacionadas, muito popular nas escolas americanas nos últimos dez anos” (BARBOSA, 2015, p. 51).

Segundo Barbosa (2012), para a efetivação de um projeto interdisciplinar, o papel do(a) professor(a) de Arte pode ser fundamental, desde que a disciplina seja respeitada e estimulada tanto quanto as outras. O professor interdisciplinar não domina necessariamente todas as disciplinas com as quais ele trabalha, mas consegue mediar e facilitar essa sinfonia, tal como um maestro na orquestra. A perspectiva do currículo em espiral pode também servir como inspiração para o que se vê na prática pedagógica das professoras de anos iniciais do ensino fundamental: o hibridismo das linguagens é uma solução não só viável como bastante rica em possibilidades no que diz respeito ao ensino de Arte para crianças.

Assim foi realizado esse trabalho: utilizando as diversas linguagens da Arte de forma articulada ao trabalho das professoras-regentes, por meio da parceria e do diálogo, buscando, ao longo do processo, formas de atuação interdisciplinar. Ao final da experiência, na produção do espetáculo de culminância, uma sinfonia aconteceu: cada turma tinha a sua parte com músi-

ca, dança, atuação, máscaras, cenário produzido por eles mesmos, sonoplastia com gravação das falas. Como um quebra-cabeça, tudo o que foi desenvolvido ao longo do ano se encaixou.

Borboleteando pela Arte

O primeiro bimestre do ano de 2021 foi iniciado de forma remota, devido à pandemia da covid-19. Os/as estudantes acessavam a plataforma e encontravam suas professoras semanalmente via *Google Meet*. Para esse primeiro momento, os conteúdos de Artes Visuais foram desenvolvidos de forma articulada com as outras disciplinas, especialmente Língua Portuguesa. A ideia foi utilizar as diferentes técnicas, como colagem, gravura, pintura, escultura, para ilustrar os textos trabalhados nas aulas.

As atividades produzidas obtiveram bom retorno dos/das estudantes e percebeu-se que a Arte Visual pode proporcionar ferramentas e procedimentos didáticos que auxiliam na alfabetização, sem, no entanto, reduzir-se a eles. Ilustrar textos e fechar conteúdos com diferentes técnicas são formas de utilizar essa linguagem nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, desde que o campo artístico seja reconhecido, observando a estesia, o processo de criação, a utilização de diversos materiais e, por fim, a análise crítica.

No segundo bimestre, ainda em formato remoto, tivemos duas unidades temáticas: música e dança. A estrutura do trabalho foi dividida primeiramente com o desenvolvimento dos conteúdos de música, a partir de vídeos com desafios semanais. Além dessas atividades, compartilhávamos brincadeiras musicais para serem realizadas nos encontros das turmas, o que gerou um grande envolvimento. Os/as estudantes utilizaram objetos alternativos ou instrumentos que tinham em casa para brincar de fazer sons, tentar descobrir timbres, cantar canções tradicionais e fazer percussão corporal.

No meio do bimestre, foi feita uma “pausa dançante” para nossa Festa/*Live* Junina, atividade que envolveu todas as turmas da escola. O primeiro ano decidiu dançar quadrilha e todos entraram na roda: professoras, crianças, pais e um narrador externo, irmão de uma das

professoras. O terceiro ano se dividiu em duas apresentações: o forró ao som de “Anúnciação” de Alceu Valença, música-tema dos desafios musicais, e o “Jogo do Contente”, coreografia inspirada na personagem Poliana, do livro que estava sendo trabalhado com as turmas.

Com a chegada do terceiro bimestre, veio também o ensino híbrido. Para trabalhar o teatro, as turmas foram divididas em dois grupos: em uma semana, o grupo “A” participava presencialmente da oficina de jogos teatrais e o grupo “B” desenvolvia em casa seu caderno de registros, chamado de diário de bordo, no qual eram orientados a desenhar, escrever pensamentos, fazer pesquisas de referências. Na semana seguinte, o esquema se invertia. Depois de um ano e meio de aulas remotas, a realização dos jogos coletivos no formato presencial foi animadora para os/as estudantes, que relataram com entusiasmo a participação na oficina.

De fato, as aulas tinham tom de ludicidade e diversão, mas, por trás das “brincadeiras”, havia jogos teatrais sérios, selecionados com o objetivo de desenvolver consciência e expressão corporal, oralidade, trabalho em grupo, cooperação, estímulos à criatividade e à imaginação. A principal referência utilizada na seleção dos jogos teatrais foi Spolin (2017), além de dinâmicas de repertório próprio. Foram realizados jogos em duplas, pequenos grupos e grupo todo. Enquanto uns jogavam, outros observavam, desenvolvendo o olhar crítico e, ao final das aulas, debatíamos sobre os jogos, para que as crianças avaliassem os aspectos que foram trabalhados.

As aulas previstas no currículo abordaram as quatro linguagens da Arte e o desenvolvimento de várias competências de aprendizagens tais como exploração de produções visuais, sonoridades com instrumentos tradicionais e construídos, vivências de criação e improviso de dança, experimentações de percepção, expressão, dramatização e imaginação. Depois de tudo isso, o quarto bimestre foi destinado à montagem de uma culminância interdisciplinar.

“Terra das Crianças”: uma experiência interdisciplinar

Ao longo da vida, diversos tipos de acontecimentos são vividos, mas as verdadeiras experiências são momentos especiais, únicos e cada vez mais raros (DEWEY, 2010). Por isso, para que a experiência tenha uma qualidade estética, deve-se promover uma interação com as emoções e, no contexto da infância, faz ainda mais sentido que as experiências possibilitem esse mergulho nas profundezas dos sentidos, pois não há, ainda, a racionalidade característica dos adultos. Pensar a Arte-Educação sob o viés da experiência é valorizar o “saber distinto do saber científico e do saber da informação, e de uma práxis distinta daquela da técnica e do trabalho” (BONDÍA, 2002, p. 26).

A partir dessa ideia, a montagem “Terra das Crianças” teve como objetivo a promoção de uma experiência significativa e interdisciplinar por meio da Arte. Não se trata de uma proposta engessada ou espetacularizada, mas do resultado de uma mistura de tudo que foi desenvolvido gradativamente ao longo do ano, em uma criação estética com conteúdo, que buscase valorizar o processo criativo das crianças. O formato escolhido para essa apresentação foi o teatro, por ser naturalmente uma linguagem interdisciplinar:

O teatro é uma linguagem que envolve diversas linguagens: plástica (cenários, figurinos, adereços, iluminação, imagem); sonora (ruídos, músicas, trilhas, voz do ator); verbal (texto, letras de músicas e falas) e cinestésica (o corpo do ator e seus movimentos, gestos e ações no espaço-tempo). (FERREIRA e FALKEMBACH, 2012, p. 13)

A apresentação estava alinhada ao projeto pedagógico da escola, que tinha como tema o “Ser na Natureza”. Dentro desse tema, as turmas desenvolveram paralelamente um projeto de sustentabilidade por meio da Metodologia TiNis (LEGUIA; MESQUISA, 2020)³ no qual as crianças cultivaram plantas ao longo do semestre. Nesse projeto, o elo entre a natureza e

a arte tem papel de destaque, então não havia como ser diferente: as TiNis se juntaram ao projeto de Arte. O pontapé inicial foi o conto chamado “TiNi: Terra das Crianças” (VELASCO, 2020), no qual as crianças transformam um buraco sem fundo em vida com a ajuda da Mãe Natureza.

Foram dois meses de trabalho, cinco turmas e um total de 86 participantes, divididos em quatro cenas, todas com uma música/coreografia ao final. Planejamentos, leituras dramáticas, ensaios, criação das coreografias, gravações das falas, produção de materiais, cenários e figurinos. O resultado pareceu bastante satisfatório, mas não menos do que foi todo o processo vivenciado pelas crianças. O vídeo com o resumo do espetáculo cênico-musical “Terra das Crianças” está disponível no link: gg.gg/terradascrianças.

Em seguida, a partir do que foi escrito por Antonoff (2022), será apresentada a análise do que foi considerado interdisciplinar nessa experiência: o trabalho com a parlenda, a construção das personagens da floresta, o exercício do texto e a articulação com o projeto de sustentabilidade.

a. As diversas possibilidades das parlendas

Sim, porque bem no miolo do lugar onde nossa história começa, da noite para o dia, sem mais nem menos, surgiu um buraco. Imenso. Escuro. Misterioso. (...)

– É um buraco sem fundo de acabou-se o mundo!

E todas as crianças começaram a pular e festejar e falar juntas, numa espécie de torcida organizada e contagiante: Buraco sem fundo de acabou-se o mundo! (VELASCO, 2020)

Logo no início do projeto TiNis, quando as turmas do terceiro ano conheceram o conto “TiNi: Terra das Crianças”, a referência à parlenda “Hoje é domingo” não passou despercebida pelas professoras, que prontamente trataram de usá-la em sala de aula. Os/as estudantes brincaram com o ritmo e aprenderam sobre rimas

³ Metodologia que busca promover a educação para sustentabilidade, fortalecendo o vínculo afetivo das crianças com a natureza, com uma abordagem lúdica e afetiva a partir do cultivo de plantas.

com essa parlenda. Semanas depois, quando souberam que seriam responsáveis pela cena do descobrimento do buraco, a parlenda já estava na memória, afinal havia sido escrita, desenhada, cantada, estudada e revisada dentro das salas de aula. Para a montagem teatral, restou a parte artística do trabalho com a parlenda.

As parlendas se fazem presentes em diversas brincadeiras infantis, organizam a famosa “corre cotia”, determinam de quem é a vez em “uni, duni, tê” e contam os números em “um, dois, feijão com arroz”. Por outro lado, as parlendas estão, juntamente com as trava-línguas, quadrinhas, lenga-lengas e cantigas de roda, nos conteúdos previstos no Currículo em Movimento da Educação Básica (DISTRITO FEDERAL, 2018) tanto na área de Língua Portuguesa quanto em Arte, especificamente na linguagem de Música.

Nesse sentido, as parlendas são ótimas ferramentas para um trabalho interdisciplinar. Nesse caso, a parlenda “Hoje é domingo” é uma das mais tradicionais, tendo diversas variações em seu texto. A forma utilizada foi musicalizada e segue a letra: hoje é domingo / pede cachimbo / o cachimbo é de barro / bate no jarro / o jarro é de ouro / bate no touro / o touro é valente / bate na gente / a gente é fraco / cai no buraco / o buraco é fundo / acabou-se o mundo.

Figura 1



Fonte: Acervo pessoal da autora

Para a peça, a música foi coreografada coletivamente pelas turmas do terceiro ano, a partir dos princípios da percussão corporal, que foram trabalhados nas aulas de música e revistos na oficina de teatro. Cada criança sugeriu algum movimento e o papel da direção foi apenas refinar a coreografia. As crianças relataram terem se sentido participantes e o processo de criação foi considerado leve e divertido.

Percebe-se, portanto, que as possibilida-

des de trabalho com as parlendas são variadas: texto, música, dança e cultura popular, de uma única vez. A articulação entre áreas de trabalho foi exercida aqui de forma espontânea: professoras regentes desenvolveram a parte textual, enquanto a parte musical e corporal da parlenda foi desenvolvida na aula de Arte.

b. Festa na floresta: construindo personagens animalescas

A turma dos menores participou de um processo integrado de construção das suas personagens. Inicialmente a dinâmica “passeio na floresta” foi realizada durante a oficina de teatro. Nesse jogo teatral, foi proposto que as crianças escolhessem um animal para imitar e improvisar um passeio na floresta, a partir de uma cantiga que orienta os obstáculos: moita com espinhos, colmeia cheia de abelhas, matagal pegando fogo, entre outras aventuras. Ao final da aula, foi sugerido que os/as estudantes desenhassem o passeio na floresta em seus cadernos de registros e, na aula seguinte, a floresta ainda estava viva em seus imaginários.

Ao perceber o envolvimento dos/das estudantes do 1º ano com essa dinâmica, decidiu-se que eles representariam os animais da floresta na apresentação. Em sala de aula, as professoras, que já estavam desenvolvendo conteúdos sobre animais, complementaram com as pesquisas individuais e coletivas sobre os animais específicos da montagem e essa temática foi utilizada para a realização de atividades de alfabetização, tais como escrita dos nomes dos animais, separação de sílabas e produção de frases. No encontro seguinte, as crianças já estavam conscientes de seus personagens e foram orientadas a dançarem a música livremente, conforme seu animal dançaria.

O toque final da construção dessas personagens foram os elementos visuais, as máscaras e os figurinos. A ideia inicial era fazer uma oficina, para que cada criança fizesse a sua própria máscara com auxílio das professoras, mas essa ideia foi substituída pela participação dos pais. Foram enviadas referências de máscaras e materiais para que cada criança produzisse em casa seus figurinos e o resultado pode ser visto

na figura 2.

Figura 2



Fonte: Acervo pessoal da autora

A “Festa na Floresta” foi uma cena musical, não havia falas, apenas a corporeidade estava presente. A posição de cada criança foi definida e uma parte da música foi coreografada, de resto deu-se voz à improvisação dos/das estudantes. Os corpos das personagens foram construídos de forma colaborativa: na oficina de teatro, com os jogos teatrais, em sala de aula, com a parte teórica da pesquisa, e em casa, juntamente com seus familiares, na construção das máscaras e organização do figurino.

A improvisação, conceito associado ao jogo teatral, permite que os jogadores entrem em um espaço que transcende os limites da identidade, trazendo um “sentimento de surpresa, descoberta, reconhecimento e revelação, em uma lógica inusitada, alógica, mesmo que dentro de regras e estruturas preestabelecidas, como em muitas brincadeiras” (JOHANSSON, 2014, p. 21). De fato, a festa na floresta pareceu uma grande brincadeira e a reflexão retirada dessa cena é a de que o jogo teatral traz a perspectiva de técnica com ludicidade a partir da improvisação e, por isso, pode ser uma ferramenta bastante útil nas aulas de Arte para crianças.

c. Texto: decorar ou não decorar? Eis a questão!

Para a montagem, o conto “TiNi: Terra

das Crianças” (VELASCO, 2020) precisou ser adaptado para a linguagem teatral: foram retiradas cenas, criados novos personagens e acrescentadas falas, para que a história se encaixasse no contexto da apresentação. O trabalho inicial de leituras dramáticas foi proveitoso e contextualizado, pois as crianças já conheciam a história, então houve grande valor pedagógico, pois as crianças, que estavam na fase final da alfabetização, se esforçaram para ler e reler cada uma das falas, melhorando a entonação, diminuindo a leitura silabada, desenvolvendo confiança em si mesmas e a autoexpressão.

Depois de duas semanas de trabalho com o texto, realizamos as gravações das falas, o que foi um momento ímpar desse processo de montagem: mesas de reunião, textos na mão, silêncio absoluto, 1, 2, 3... gravando! As crianças sentiram como se estivessem em um estúdio de gravação. Essa foi a última leitura dramatizada e depois o processo de decorar o texto foi substituído pela “dublagem corporal”, ou seja, focamos o trabalho na expressão corporal das crianças.

Figura 3 - Momento de gravação de falas, realizado em pequenos grupos



Fonte: Acervo pessoal da autora

A decisão de gravar as falas foi tomada especialmente em razão da pandemia, visto que não havia microfones suficientes para dispor pelo palco e, como não era viável retirar as máscaras das crianças para a apresentação, seria difícil ouvir nitidamente suas vozes. Porém, essa foi uma escolha que poderá ser utilizada em momentos futuros, independentemente da pandemia, pois essa ferramenta da gravação permitiu que o foco do trabalho fosse a corporeidade das crianças.

O texto teve seu papel pedagógico cumprido com as leituras dramatizadas, possibi-

litando o desenvolvimento da oralidade, sem carregar o peso de ter que decorar as falas. Em experiências anteriores, já havia sido percebido como o texto travava a expressão das crianças, deixando-as, muitas vezes, mais tímidas do que eram, pois estavam concentradas mais em ler o texto do que em expressar-se corporalmente. Com a gravação das falas, a qualidade do som da apresentação melhorou, além de possibilitar o acréscimo de alguns efeitos sonoros e a retirada das cacofonias, tornando a apresentação mais dinâmica.

Nesse sentido, percebe-se a gravação das falas, ou mesmo o desenvolvimento de um espetáculo sem falas, como boas possibilidades para essa faixa etária. O trabalho com o texto foi considerado interdisciplinar visto que foi feito em três frentes: leituras dramáticas em sala de aula, momento de gravação das falas e desenvolvimento da corporeidade a partir da dublagem de si mesmos. A parceria com as professoras-regentes foi essencial, pois elas desenvolveram a parte textual em sala de aula, potencializando a capacidade de leitura, e a aula de arte pôde focar na expressão corporal.

d. Projeto TiNis: sustentabilidade & Arte

As correlações entre a Arte e o Meio Ambiente têm sido vistas como uma tendência contemporânea, pois o mundo natural é um grande inspirador para diversas práticas artísticas (CHIAPETTA, 2020). Em relação ao ensino de Arte para crianças, Barbieri (2012) relata que o universo de possibilidades estéticas que a natureza traz mobiliza as crianças: plantas, animais, elementos, texturas, cheiros, volumes, cores, movimentos, tudo é fonte de observação, investigação, aventura, brincadeira e aprendizado.

Figura 4: Crianças do Terceiro anos plantando suas tinis



Fonte: Acervo pessoal da autora

Seguindo essa linha de pensamento, a Metodologia TiNis (LEGUIA; MESQUITA, 2020) é uma proposta de educação para sustentabilidade com uma abordagem voltada para a infância, oferecendo conexão com diversas áreas do saber. A TiNi é, nessa proposta, um espaço para que crianças plantem, se encantem e reativem sua conexão com a natureza, a partir da ideia da criação recíproca, ou seja, as crianças cuidam da natureza e são cuidadas por ela.

Figura 5 -Representantes das personagens guardiãs das TiNis



Fonte: Acervo pessoal da autora

A arte tem papel de destaque nesse projeto, pois as crianças são estimuladas a expressar seus sentimentos por meio das diversas linguagens, seja utilizando elementos naturais para produzir esculturas e colagens, seja criando poemas, fazendo fotografias, se expressando por meio de desenhos, movimentos, músicas ou montagens de peças de teatro.

Entendemos que as expressões artísticas são colaboradoras da aproximação entre as crianças e as TiNis, e também favorecem um melhor envolvimento delas com o meio natural. A linguagem das artes traz em si os diversos padrões de fenômenos da natureza que nos possibilitam ver o mundo como um todo integrado, e fazer uma transposição perceptiva das partes para o todo, dos objetos para as relações, das quantida-

des para as qualidades. (LEGUIA; MESQUITA, 2020, p. 7)

A ideia de trabalhar com uma apresentação para a culminância do projeto de arte existia desde o início, mas era preciso esperar que o processo artístico nos dissesse o que seria apresentado. Da mesma forma, o Projeto TiNis aconteceu paralelamente ao longo do ano letivo sem que houvesse ligação direta com as atividades artísticas. Mas, em certo momento, percebeu-se que não havia outro tema para ser trabalhado nessa culminância interdisciplinar senão a “Terra das Crianças”. De certa forma, foi como uma metalinguagem, já que a história tratava sobre crianças que descobriam o poder das plantas e passavam a ser guardiãs da terra, processo semelhante ao que os/as estudantes experienciaram no Projeto TiNis.

Assim sendo, está aí o principal elemento interdisciplinar dessa experiência – arte e sustentabilidade estão aqui articuladas de tal forma que não há uma hierarquia, não se sabe o que é mais importante ou mais valorizado na apresentação: os elementos artísticos, cuidadosamente trabalhados ao longo dos bimestres, ou o tema da sustentabilidade, que foi pensado, estudado, sonhado e plantado durante meses pelas turmas do terceiro ano. Ambos estão no mesmo patamar, completamente unidos na culminância, confirmando o que Nogueira (2001) entende como interdisciplinaridade.

Conclusão

Ao final do projeto, percebeu-se que os/as estudantes foram transformados pela experiência da Arte. De fato, essa disciplina, que muitas vezes é inferiorizada no currículo, tratada como mera recreação, ornamentação de murais ou um apoio às outras disciplinas, pode ser uma grande experiência sinestésica, estimuladora de sentidos e articuladora do aprendizado, desde que seu espaço seja valorizado, como foi nesse caso.

As aulas de Arte colaboraram com a melhoria da coordenação motora, da concentração, além de ter instigado a imaginação e a criatividade dos/das estudantes. A proposta potencializou a aquisição de conhecimentos e o desenvolvimento cognitivo, devido ao interesse

dos educandos. Além disso, os/as estudantes puderam expressar seus sentimentos e ideias sobre o mundo ao seu redor, com a ludicidade que só a Arte pode ter.

Como afirma Fazenda (2012), existem diversas formas de se fazer um trabalho interdisciplinar. Não há regras rígidas, mas é necessário tomar uma postura de colaboração e articulação dentro de um projeto. Isso foi realizado ao longo de toda a parte prática desse projeto; com respeito e parceria, foram desenvolvidas diversas atividades que interligaram a Arte com as outras atividades da sala de aula e, na culminância, houve uma junção de conceitos, propostas, linguagens e turmas.

A montagem e apresentação do espetáculo “Terra das Crianças” valorizou o processo de criação individual e coletiva; a interdisciplinaridade foi vivida a partir da mistura de músicas, dança, cenários, figurinos, sonoplastia, plateia, coxia e temática sustentável. No relato final, as professoras utilizaram expressões como gratidão, despertar para as descobertas, experiência incrível, resultados significativos. Diante disso, conclui-se que o objetivo de proporcionar na EC 413 Sul uma experiência interdisciplinar e significativa foi cumprido.

REFERÊNCIAS

ALVARENGA, Valéria.; SILVA, Maria Cristina. Formação docente em arte: percurso e expectativas a partir da lei 13.278/16. In: Educação & Realidade, Porto Alegre, v. 43, n. 3, p. 1009-1030, jul/set 2018.

ANTONOFF, Thais. Borboleteando pela Arte: uma experiência interdisciplinar. 2022. 99 f. Dissertação (Mestrado profissional em Arte) - Universidade de Brasília, Instituto de Artes, Brasília, 2022.

BARBIERI, Stela. Interações: onde está a arte na infância. São Paulo: Blucher, 2012.

BARBOSA, Ana Amália. Interdisciplinaridade. In: BARBOSA, Ana Mae (Org). Inquietações e mudanças no ensino de Arte. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2012. p. 117-123.

BARBOSA, Ana Mae. John Dewey e o ensino de Arte no Brasil. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2015.

BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. In: Revista Brasileira de Educação, n. 19, p. 20-28, jan/abril 2002.

CHIAPETTA, Marina. Arte e meio ambiente: grandes vertentes. e-Cycle, 2020.

DEWEY, John. Arte como experiência. Tradução: Vera Ribeiro. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

DISTRITO FEDERAL. Secretaria de Estado de Educação. Currículo em Movi-

mento da Educação Básica, 2018.

DUARTE JR., João Francisco. Por que arte-educação? 7. ed. Campinas: Papirus, 1994.

FAZENDA, Ivani. Interdisciplinaridade: história, teoria e pesquisa. 18. ed. Campinas: Papirus, 2012.

FERREIRA, Taís e FALKEMBACH, Maria Fonseca. Teatro e dança nos anos iniciais. Porto Alegre: Mediação, 2012.

JOHANSSON, Felícia. Descrever: jogo e improvisação teatral em “pirlimpisquice”, de Guimarães Rosa. In: Revista Araticum, Unimontes, v.10, n.2, p. 20-34, 2014.

LEGUIA, Joaquim; MESQUITA, Mônica. Guia para pequenos criadores de Tins. Instituto Alana, São Paulo, 2020.

MACHADO, Marina. A criança é Performer. Educação & Realidade, volume 35, número 3, p. 115-137, maio/ago de 2010.

MACHADO, Marina. Fazer surgir antiestruturas: abordagem em espiral para pensar um currículo em arte. Revista E-currículo, volume 8, número 1, abril de 2012.

NOGUEIRA, Nilbo Ribeiro. Pedagogia dos projetos: uma jornada interdisciplinar rumo ao desenvolvimento das múltiplas inteligências. 4. ed. São Paulo: Érica, 2001.

PALAVRA CANTADA. Hoje é domingo. DVD Cantigas de Roda Produção San-

dra Peres e Paulo Tatit, 2015.

SPOLIN, Viola. Jogos teatrais para a sala de aula: um manual para o professor. Tradução: Ingrid Dormien Koudela. 3 ed. São Paulo: Perspectiva, 2017.

TOURINHO, Irene. Transformações no ensino da Arte: algumas questões para uma reflexão conjunta. In: BARBOSA, Ana Mae (Org). Inquietações e mudanças no ensino de Arte. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2012. p. 28-36.

VELASCO, Cristiane. TiNis: Terra das Crianças. Instituto Alana, São Paulo, 2020.

Abstract

This article presents the project Borboleteando pela Arte, which was carried out at Escola Classe 413 Sul (Brasília/DF) with the objective of presenting the various languages of Art to the students of the first three years of elementary school, from the concept of interdisciplinarity. At the end of the project, a scenic-musical show was produced with all the classes participating in the project.

Keywords

Art Education. Infancy. Interdisciplinary.

Recebido em: 25 jul 2022

Aceito em: 28 mar 2023

Publicado em: 30 out 2023